

VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA: UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE O GUINEENSE FALADO POR BALANTAS E FULAS¹

Bill Clinton Nanque²

RESUMO

O presente artigo aborda a variação linguística no guineense falado por balantas e fulas. O foco do estudo são as consoantes fricativas [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]. O objetivo é observar, a partir de uma análise comparativa, o comportamento dessas consoantes fricativas. Esta pesquisa parte de Chapouto (2014) e Costa (2014), que discutiram o inventário fonético-fonológico no guineense e ilustraram as realizações das vogais, consoantes e da estrutura silábica nessa língua. Para a realização deste trabalho, foram feitos levantamento bibliográfico e seleção de oito entrevistas de homens e mulheres, coletadas anteriormente na Guiné-Bissau por Silom em 2021 (Silom, 2022). Destacam-se duas faixas etárias (23 a 29 anos; 61 a 65 anos). Os dados foram transcritos com uso do ELAN (versão 6.1), e foi realizada transcrição fonética por meio do Alfabeto Fonético Internacional (IPA). A partir da análise, é possível compreender que há ocorrências de variação no uso dessas consoantes: para os balantas, na faixa etária jovem observou-se ocorrência de consoante [f] é considerada fixa e sua realização acontece em posição de onset inicial, exemplo [fu'lanu] (fulano); o [v] ora varia com [b] e mantém como [v], exemplo, ['vi.vi] (viver), ['biʃti] (vestir); para [s] varia com [ʃ], em posição de coda medial e ocorre com menos frequência em posição de onset inicial, ['feʃ.tɐ] (festa); na faixa etária mais idosa O segmento [v] é pronunciado como [b] sua realização acontece em posição de onset inicial, [bar'dadi] (verdade); o [s] varia com [ʃ] em posição de onset inicial e coda medial, [ʃi'bi] ('saber'), [faʃi] (fazer). Para os fulas, não há variação entre faixas etárias nos homens; para as mulheres, as trocas consonantais ocorrem com menor frequência. Esta pesquisa, ao discutir aspectos ainda não descritos em relação às fricativas, contribui para a compreensão da variação linguística em contextos de contato de línguas, especialmente, no que se refere à fonética-fonologia da língua guineense em contato com as línguas fula e balanta.

Palavras-chave: língua guineense; variação linguística; fonologia; linguística - Guiné-Bissau.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lúcia Lima da Silva.

² Graduando do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela UNILAB.

RUZUMU

Prisenti artigu aborda sobri variason linguistika na guineensi faladu pa balantas i fulas. Foku des studu i konsuantis frikativas [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ]. Objektivu i observa, a patir di analisi di komparson, komportamentu des konsuantis nes kontestuu. Es piskiza parti di Chapouto (2014) i Costa (2014), ku duskuti nventário fonetiku-fonologiku na guineensi e mostra realizasons di vogais, konsuantis i di strutura silabika nes lingua. Pa realizason des tarbadju, i fasidu levantamentu bibliografiku i sileson di oitu ntrivistas di homis i mindjeris, djuntadu na Guiné-Bissau pa Silom (2021). I distakadu dus facha etarias (23 i 29 anos; 61 i 65 anos). Dados i transkrividu ku usu di ELAN (versão 6.1) i fasidu transkrison fonetika pa via di Alfabeto Fonetiku Nternasional (IPA). A patir di analisi, i posivel ntindi kuma izisti variason di konsuantis, odjadu na dadus di homis i mindjeris, i diferença na falantis di dus etnias: pa balantas, na facha etaria mas pikininu i odjadu realison di konsuanti [f] konsideradu fiksi i realison ta akontesi na posison di inisiu di onset, isemplu, [fu'lanu] (fulano); [v] utru ora i ta varia suma [b] i manti suma [v] i si realison ta kuri na na posison di inisiu di onset i na posison di metade di koda, isemplu, ['vi.vi] (viver), ['biʃti] (vestir); konsuanti [s] varia ku konsuanti [ʃ] na posison di metade di koda i kuri ku menus frekencia na posison di inisiu di onset, ['feʃ.tɐ] (festa); na faicha etaria mas garandi [v] i pronunsiadu suma [b] si realison kuri na posison di inisiu di onset, [baɾ'dadi] (verdade); [s] varia ku [ʃ] na posison di inisiu di onset i metade di koda, , [ʃi'bi] ('saber'), [faʃi] (fazer). Pa fula, i izisti mesmu nivel di variason entri facha etaria di homis; pa mindjeris, i kuri puku variason. Es piskiza diskrimi aspektus ku ka diskribidu sobri frikativas, kontrubui pa komprension di variason linguistika na kontestus di kontaktu di linguas, spesialmenti, na kil ku ta referi fonetika-fonologia di lingua guineensi kontaktu ku linguas balanta i fula.

Palabras-tchabi: lingua guineensi; variason linguistika; fonologia; Frikativas; linguistika - Guiné-Bissau.

1 INTRODUÇÃO

O guineense é uma língua da Guiné-Bissau, falada nas zonas urbanas e rurais em contato com línguas étnicas. É uma língua crioula lexicada pelo português, que surge do contato entre a língua portuguesa e línguas africanas.

Este trabalho aborda as consoantes fricativas na variedade do guineense falado por indivíduos bilingues falantes de balanta e falantes de fula (e também de português).³ O foco analítico concentrou-se nas ocorrências das consoantes fricativas [[f, v, s, z, ʃ, ʒ] observadas no *corpus* constituído para esta pesquisa. A partir do estudo das fricativas, este trabalho buscou responder a seguinte questão: qual é o comportamento fonético-fonológico das consoantes fricativas na variedade guineense falada por balantas e fulas? Este trabalho tem como objetivo geral descrever os aspectos linguísticos envolvidos nas ocorrências das consoantes fricativas do guineense falado pelos balanta e fula, e a distribuição entre a faixa etária mais jovem e a mais idosa, tanto entre homens quanto entre mulheres (aspectos extralinguísticos relacionados aos dados em análise).

Couto (2010), Embaló (2010), Scantamburlo (2013), Chapouto (2014), Costa (2014) e Silom (2022), dentre outros, apresentam estudos sobre a língua. Chapouto (2014) e Costa (2014) estudam aspectos da fonética e da fonologia do guineense. Chapouto (2014) e Costa (2014) apresentam uma descrição dos inventários fonético e fonológico do guineense no que concerne às vogais, consoantes e estrutura silábica. Entretanto, existem poucas descrições que busquem investigar processos fonéticos e fonológicos no que concerne aos falantes bilingues guineense-balanta e guineense-fula em contexto de contato linguístico.⁴

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva com vistas a realizar uma análise qualitativa dos dados. Como procedimento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com levantamento e estudo de textos relevantes para a temática. Foram analisadas oito entrevistas com homens e mulheres das etnias balanta e fula, coletadas anteriormente por Silom em 2021 (Silom, 2022), na Guiné – Bissau.

O primeiro momento deste estudo concentrou-se na descrição dos dados dos homens. Em seguida, foi feita descrição e análise dos dados de mulheres; por fim, foi

³ Há mais de uma variedade de balanta, por exemplo, balanta kuntoé e balanta nhacra. A partir dessas, existem sete subgrupos definidos como: balantas bravos, balantas cunantes, balantas de dentro, balantas de fora, balantas manes, balantas nagas e balantas patch; e todos são das regiões de Oio, norte do País, Sul e setor autónomo de Bissau, capital da Guiné-Bissau (cf. Nanque, 2022, p. 139). Entretanto, neste estudo, não será definida a variedade de balanta que compõe o *corpus*, tendo em vista a limitação dessa informação para os dados.

⁴ No presente trabalho, a língua será denominada “guineense”. Não será feito o uso do termo “crioulo”, denominação que pode ser associada às expressões eurocentristas inferiorizadoras e/ou preconceituosas. Conforme sustentou Araujo (2026), tais termos devem ser evitados, em razão da estrutura e da complexidade que cada língua apresenta.

feita uma comparação mais abrangente entre os grupos de faixas etárias diferentes e etnias diferentes.⁵

A partir da descrição e da análise realizadas, foi possível compreender que há ocorrências de trocas consonantais, observadas nos dados de homens e mulheres, e que há diferenças para os falantes das duas etnias: para os balantas, a troca de consoantes é mais frequente na faixa etária idosa e menos frequente entre os jovens; para os fula, não há variação entre faixas etárias nos homens; para as mulheres, as trocas consonantais ocorrem com menor frequência.

O estudo aqui proposto amplia a compreensão sobre a variação das consoantes fricativas no guineense e contribui para as pesquisas preocupadas com os estudos dessa língua. Dessa maneira, esta pesquisa traz contribuições importantes: primeiro, tem como contributo a valorização do conhecimento local, especialmente, no que se refere à fonética e à fonologia do guineense falado por duas comunidades específicas, balanta e fula, considerando suas falas e reconhecendo o saber dessas comunidades; segundo, leva à reflexão sobre a desconstrução da ideia de hierarquias linguísticas e epistemológicas, desafiando visões eurocêntricas ou coloniais sobre as línguas e seus padrões fonético-fonológicos e promovendo uma visão mais inclusiva e pluralista da diversidade linguística. Em suma, essas contribuições dialogam com uma perspectiva decolonial, que rompe a barreira do eurocentrismo e do preconceito linguístico dentro de uma comunidade multilíngue.

Este artigo está organizado em cinco seções, como segue: na seção “Referencial teórico”, é apresentada uma contextualização da Guiné-Bissau com um panorama geográfico, histórico e linguístico do país, bem como sua organização territorial e uma breve síntese dos textos teóricos que embasaram esta pesquisa. Na seção “Metodologia”, estão descritos os procedimentos utilizados para a realização do trabalho e a seleção, organização estratégias para descrição e análise dos dados. Na seção “Análises e resultados”, discutem-se e comparam-se as evidências e achados da pesquisa. Por fim, são apresentadas as “Considerações finais”, onde estão sintetizadas as principais discussões deste trabalho.

⁵ Este trabalho abrange a descrição iniciada durante a Iniciação Científica (realizada entre 2024/2025), que tratou da descrição dos dados dos homens, ampliando-se o foco com a inclusão do estudo dos dados das mulheres entrevistadas, além de apresentar uma abordagem comparativa entre os dados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

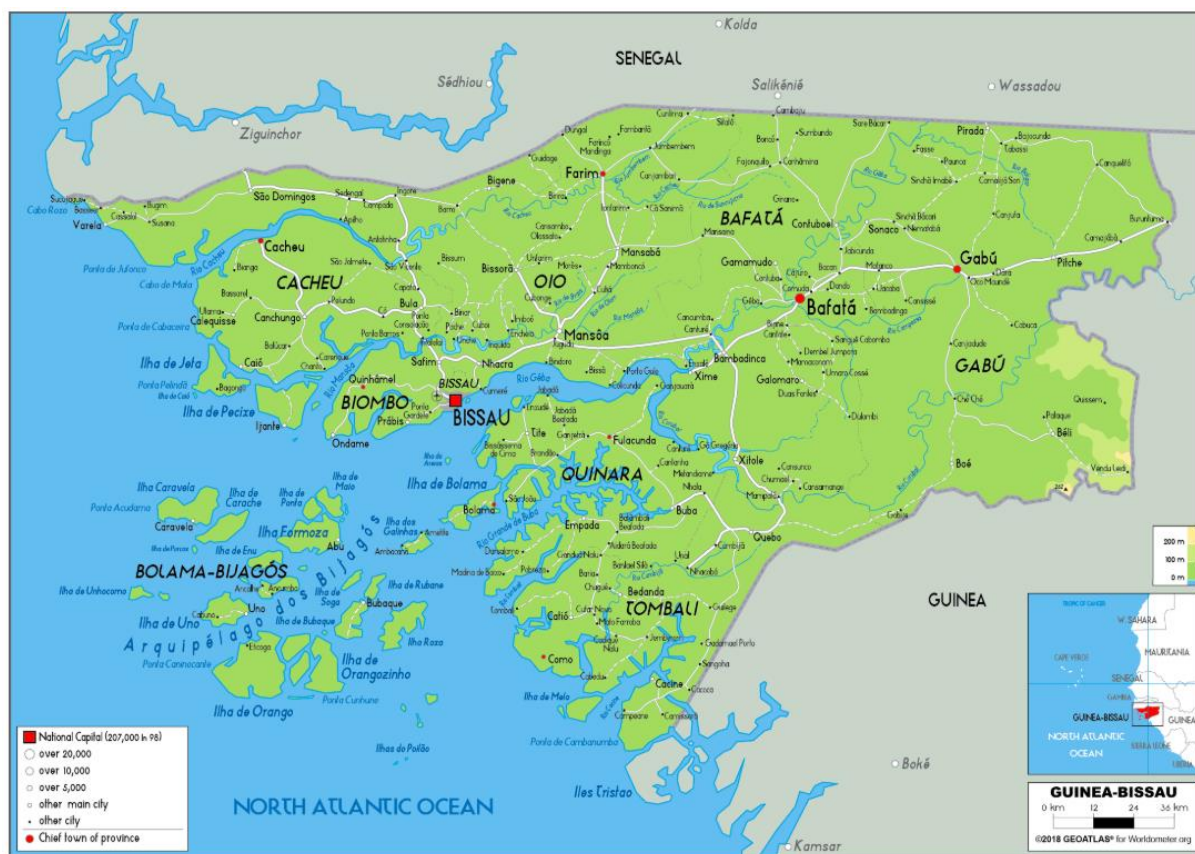
Nesta seção, é feita uma breve apresentação do referencial teórico sobre a Guiné-Bissau e sobre a língua em estudo: o guineense.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA, HISTÓRICA E LINGUÍSTICA DA GUINÉ-BISSAU

A Guiné-Bissau é um país pequeno em termos de extensão territorial, localizado na costa da África ocidental, com uma superfície total de 36.125 km² (INE, 2009). O país apresenta uma densidade populacional de 2.201.352 habitantes, conforme dados atualizados do World Bank (2024). O território faz fronteira com o Senegal ao norte; com a Guiné-Conakry, ao sul e leste; e com o Oceano Atlântico, a oeste. Fazem parte de seu território cerca de oitenta ilhas, com destaque para o arquipélago dos Bijagós, habitado por diversas etnias.

De acordo com o guia turístico "À Descoberta da Guiné-Bissau" (Benzinho; Rosa, 2018), a Guiné-Bissau divide-se administrativamente em oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali, além do Setor Autônomo de Bissau. Essas regiões subdividem-se em trinta e seis setores, que, por sua vez, se organizam em seções compostas por tabancas (aldeias), muitas delas isoladas da capital Bissau devido à precariedade de acessos rodoviários e à extensa rede de rios que dividem o território, como: Geba, Cacheu, Mansoa, Corubal, Farim, Buba e Cacine, cada um com suas respectivas aberturas estuarinas.

Figura 1 – Mapa de Guiné-Bissau



Fonte: Worldometer (2026). Disponível em: <https://www.worldometers.info/maps/guinea-bissau-map/>

A Guiné Bissau constitui-se historicamente como um território marcado pela convivência de povos e culturas, cujos costumes, línguas e modos de organização social se espalham por toda parte do país. Essa diversidade étnica e cultural se manifesta em grupos como balantas, fulas, mandingas, papel, manjaco entre outros grupos, que constituem o mosaico cultural, cada um com suas formas próprias de governação, rituais e expressões culturais e artísticas. Assim, o território guineense pode ser entendido em sentido macro como um “reino cultural”, não apenas como um pedaço de terra com fronteiras políticas, mas também pelo mosaico de tradições que moldaram sua identidade coletiva.

O território foi atingido pela chegada dos colonizadores portugueses em 1446, que estabeleceram contatos comerciais levando à formação de povoações como Cacheu, Farim, zinguinchor e Bissau nos séculos XVI-XVIII, inicialmente sob administração de Cabo Verde (Pélissier,1989; Couto,1994, *apud* Chapouto, 2014). As fronteiras foram definidas na Conferência de Berlim (1884-1886), com o território tornando-se província ultramarina portuguesa em 1951. A independência foi conquistada em 1973, após luta

armada liderada pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) desde 1956 (Chapouto, 2014). Essa evolução histórica moldou as características atuais da Guiné-Bissau, desde a colonização que promoveu entrepostos comerciais costeiros até a independência, que consolidou sua identidade como nação soberana na África Ocidental Lusófona.

Guiné-Bissau é um país marcado por suas histórias e diversidade cultural, como qualquer nação. Conforme expõe Couto e Embaló (2010), Guiné-Bissau é um país multilíngue que conta com 20 línguas africanas (étnicas), as quais constituem o mosaico cultural, além do guineense, língua nacional ou franca, e do português, que é a língua oficial e tem como estatuto de língua do ensino, das administrações do estado, porém com pouco número dos falantes. Segundo os censos de 2009 (INE, 2009), as etnias com maior expressão na Guiné-Bissau são: fula (28,5%), concentrada essencialmente no leste do país (Gabú e Bafatá), seguida de balanta (22,5%), presente sobretudo nas regiões Sul (Catió) e Norte (Oio), Manjaca (8,3%), mandinga (14,7%), papel (9,1%), beafada (3,5%), mancanha (3,1%), bijagó (2,15%), felupe (1,7%) e mansoanca (1,4%) e balanta mane (1%). As etnias nalu, saracolé e sosso representam menos de 1% da população guineense. Cerca de 2,2% da população assinala não pertencer a qualquer etnia, além de outras etnias não mencionadas, cuja escassez de dados pode explicar a omissão.

Nesse contexto, a oficialização do português não atende a todas as necessidades dos próprios guineenses, pois a língua falada no país com maior percentagem e frequência entre os falantes é o guineense, acompanhado das diversas línguas étnicas. Ainda que o português esteja presente nessas comunidades, isso não permite concluir claramente sobre a sua prevalência em toda a situação linguística do país. A língua portuguesa não consegue, por si só, suprir as necessidades encontradas no ensino guineense, sobretudo nas tabancas (aldeias), onde as línguas mais predominantes nessas regiões mais distantes da capital são as línguas étnicas, consideradas as primeiras línguas dessas comunidades. Isso se reflete nas próprias redes públicas de ensino.

Apesar de o português possuir o estatuto de língua oficial e de prestígio, ele é, na prática, falada por uma minoria da população, estimada em torno de 13% dos falantes. Além disso, o guineense é a língua mais usada na comunicação do dia a dia, sendo falada por cerca de 75% a 80% da população, sobretudo em contextos urbanos e rurais em convergência com línguas étnicas (cf. Couto; Embaló, 2010).

Chapouto (2014) descreve o guineense como uma língua crioula, resultado do contato entre o português e as línguas étnicas locais, com forte presença histórica e funcional no cotidiano, ainda que não tenha o mesmo reconhecimento institucional do português. Além disso, Chapouto (2014) e Costa (2014) chamam atenção para a contradição entre política linguística oficial (que impõe o português) e a realidade sociolinguística, onde o guineense e as línguas étnicas dominam o uso cotidiano. Esse desequilíbrio gera problemas de acesso à educação, reprodução de preconceitos linguísticos e dificuldade de harmonização entre identidade étnica, nacional e escolar, o que os autores analisam como um dos principais desafios da Guiné-Bissau.

Em síntese, os autores destacam que o monolinguismo oficial em português, embora estratégico para a unidade nacional, ignora a realidade plurilíngue das tabancas guineenses, onde as línguas étnicas atuam como primeira língua (L1). Essa tensão revela a necessidade de abordagens bilíngues no ensino, alinhadas aos direitos linguísticos e à formação docente e deveres do estado.

Nesse contexto multilíngue e multicultural, no que se refere especificamente à temática proposta, ao realizar um estudo de análise comparativa do guineense falado por balantas e fulas, este trabalho volta-se para duas regiões da Guiné-Bissau, as regiões de Bafatá e Quinara, de onde saem as entrevistas que compõem os dados linguístico sob descrição e análise.

No que se refere à Bafatá, segundo Benzinho e Rosa (2018), é uma das regiões da Guiné-Bissau situada na zona leste do país, fazendo fronteira com o Senegal ao norte, com a região de Oio a oeste, com a região de Gabú a leste; e com as regiões de Tombali e Quinara a sul. Trata-se de uma região cujo nome deriva da própria cidade-capital, Bafatá, historicamente habitada, sobretudo, pelas etnias fula e mandinga, além de outros grupos que se estabeleceram na região ao longo de migrações e processos de povoamento.

A região de Bafatá tem cerca de 210.007 habitantes, segundo o censo de 2009 (INE, 2009), sendo a cidade de Bafatá o terceiro centro urbanizado mais populoso do país, depois de Bissau e Gabú. A cidade situa-se a aproximadamente 150 km a leste de Bissau, nas margens do rio Geba, o que conferiu à região relevância histórica e econômica, especialmente no contexto do comércio. Bafatá apresenta uma forte marca colonial na sua estrutura urbanística, tendo sido um importante eixo de circulação e decisões administrativas durante o período colonial, o que também liga a cidade às memórias da escravização e do comércio de pessoas na região (INE, 2009).

A distribuição étnica da região mostra que cerca de 60% da população pertence à etnia fula e aproximadamente 22,9% à etnia mandinga, enquanto o restante se distribui por cerca de outros grupos étnicos. Contudo, esses dados referem-se essencialmente ao censo de 2009 e não necessariamente refletem o total atualizado da população distribuída pela região e pela cidade, pelo que merecem ser complementados por estudos e recenseamentos mais recentes que possam atualizar a composição demográfica e étnica de Bafatá.

Por sua vez, no que diz respeito à Quinara, fronteira à região de Bafatá a leste, é uma das regiões administrativas da Guiné-Bissau, localizada na parte centro-sul do país, com uma superfície de aproximadamente 3138,4 km² (cf. Benzinho; Rosa, 2018). A região de Quinara tem 63.610 habitantes (cf. INE, 2009), registra-se pelos setores de Buba (capital da região), Empada, Fulacunda e Tite, que apresentam relevante diversidade étnica, destacando-se, de forma predominante, a etnia Beafada e Balanta. Esses setores são essencialmente rurais, com economia baseada na agricultura de subsistência (arroz, amendoim e milho) e na pesca artesanal, especialmente ao longo do rio Grande de Buba. Esse contexto de diversidade étnica contribui para uma rica mistura cultural, linguística e de práticas tradicionais que são frequentemente destacadas em guias turísticos e materiais de divulgação sobre Guiné-Bissau, como mencionado no guia turístico “À Descoberta da Guiné-Bissau” (Benzinho; Rosa, 2018).

Em suma, essas duas regiões são marcadas pelas histórias e pela diversidade linguística e cultural que as caracterizam. Como dito anteriormente, entre as línguas presentes nessas regiões destacam-se aqui balanta (falada em Quinara) e fula (falada em Bafatá). Ambas são línguas do tronco linguístico Nígero-congolês, que reúne centenas de línguas faladas na África subsaariana. Dentro desse tronco, ambas se situam na família atlântica (ou oeste atlântica). O fula é uma das mais difundidas dessa família e dividido como fula, jalofo (wolof), serere (nhominca). O balanta, por sua vez, encaixa-se no grupo Bak, do ramo norte dessa família atlântica, compartilhando proximidade estrutural com línguas como balanta nhacra, de fora, bravos, naga, mané, djola-felupe, djola-baiote, manjaco, mancanha e papel (Scantamburlo, 2013).

As entrevistas consideradas nesta pesquisa foram feitas com pessoas dessas duas regiões (Bafatá e Quinara) com pessoas que são falantes de, pelo menos, guineense-balanta e guineense-fula. É importante destacar, novamente, que essas línguas estão em contato nesses espaços, embora os falantes se relacionem com elas de formas distintas,

uma vez que o guineense funciona como língua de união entre pessoas de diferentes grupos étnicos, ou seja, considerada como língua de unidade nacional entre balantas, fulas, entre outras, sendo amplamente usado, sobretudo, em contextos urbanos e rurais. O português, por sua vez, é uma língua falada pela menor parte da população, especificamente, na zona urbana. O balanta é uma língua étnica ligada ao povo balanta, usada sobretudo nas interações familiares, comunitárias e culturais entre seus falantes. O fula, também língua étnica, é falada pelo povo fula, na comunicação cotidiana, na preservação da identidade e na manutenção dos vínculos sociais do grupo. Portanto, cada uma dessas línguas ocupa um espaço de destaque entre as culturas presentes, funcionando como um importante marcador de identidade de cada comunidade de fala e essas línguas representam valores, memórias, pertencimentos e formas específicas de organização social.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DE ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO GUINEENSE

Nesta subseção serão abordados alguns aspectos da fonética e da fonologia do guineense. Além disso, será apresentada uma discussão sobre variação linguística.

2.2.1 Aspectos fonéticos e fonológicos: uma síntese sobre as consoantes fricativas no guineense

Como dito anteriormente, o guineense é uma língua franca amplamente falada por grande parte da população da Guiné Bissau, desempenhando papel central na vida social e comunicativa do país, especialmente nas zonas urbanas e rurais, onde se encontram diversos grupos étnicos e culturais com costumes e línguas maternas distintas. Nesse contexto de pluralidade, o guineense funciona como espaço de convergência entre as línguas maternas dos falantes e o guineense, tornando-se o principal veículo de comunicação interétnica e de identidade nacional. Chapouto (2014) e Costa (2014), entendem o guineense como uma língua lexificada pelo português, historicamente consolidada como língua veicular, capaz de unificar a diversidade linguística e étnica do país, ainda que não seja oficializada na Constituição.

O uso do guineense nas zonas urbanas e rurais varia significativamente, dependendo da comunidade e da primeira língua adquirida e falada em cada contexto do

falante. Enquanto em alguns espaços o guineense é língua materna coletiva, em outros permanece como segunda língua, articulando-se com as línguas autóctones como balanta, fula, manjaco, mandinga e muitas outras. Estudos como os de Couto e Embaló (2010) sobre a situação sociolinguística guineense ressaltam que o guineense encarna uma “língua da comunidade, ou seja, de unidade nacional”, funcionando como elemento de coesão social e cultural.

Do ponto de vista fonológico, Costa (2014) e Chapouto (2014) abordam o inventário fonético fonológico do guineense a partir de perspectivas complementares, mas com ênfases e conclusões parcialmente distintas. Segundo Costa (2014), em sua análise, o guineense apresenta uma estrutura parecida do português e em parte das características provenientes das línguas africanas substráticas (étnicas). Ainda, conforme expõe Costa (2014) as realizações fonéticas vistas normalmente não mudam de suas formas naturais e mostra que o inventário fonético apresenta discussão entre autores sobre a sua estrutura fixa. A fonologia do guineense revela algumas particularidades, as línguas locais são predominantes em suas culturas, isso mostra uma certa peculiaridade, que a língua denota alguns aspectos presente nela.

Costa (2014) descreve uma estrutura fonológica composta por 25 segmentos, sendo eles 18 consoantes e 7 vogais. Com isso, a partir das ilustrações das ocorrências vistas no *corpus* analisado pela autora, nota-se que algumas consoantes se aproximam dos dados descritos por autores como Scantamburlo (1999, p. 19-35) e Couto (1994, p. 68-72). Esse mesmo comportamento foi listado por Chapouto (2014, p. 15), que traz um estudo sobre a fonologia e a prosódia do guineense.

Em relação às fricativas /f,v,s,z,ʃ,ʒ/, descritas por Costa (2014), verifica-se que os fonemas /f/ e /s/ são os únicos contemplados por todos os autores analisado em sua pesquisa. Os fonemas /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/, listados por Scantamburlo (1999) e Kihm (1994), apresentam alguns comportamentos de segmentos diferentes nas suas ocorrências, ou seja, são considerados pelos autores como segmentos que entraram recentemente no guineense. Os segmentos /tʃ/ e /dʒ/, conforme Costa (2014), não apresentam consenso entre pesquisadores, contudo há duas hipóteses trazidas por Couto (1994) e Parkvall (2012) sobre origem das africadas /tʃ/ e /dʒ/ no guineense.

Conforme Couto (1994), esses segmentos teriam sido reforçados pela influência das línguas africanas de substrato, olhando que muitos desses sistemas também possuíam africadas. Já Parkvall (2012), sustenta que a presença dessas consoantes pode decorrer

do português antigo e da reanálise de formas com grafia <ch>, e não necessariamente de empréstimo direto das línguas africanas.

Para Chapouto (2014), os segmentos /f/ e /s/, listado por Couto (1994, p. 68), são os únicos contemplados no sistema fonológico guineense. Scantamburlo (1999) e Kihm (1994) defenderam a mesma ideia apresentada por Couto (1994). Além disso, os autores consideram também as consoantes /v/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, seguindo Kihm (1994), que são os segmentos consonantais averiguados em palavras de origem portuguesa que entraram há pouco tempo no guineense.

De acordo com a estrutura silábica proposta por Couto (1994) e Kihm (1994), o padrão CV é considerado o modelo legítimo do guineense. Ademais, Couto (1994) demonstrou que os padrões CVC, V, VC, CCV, CCVC e CCCV também são recorrentes. Alinhado a essa perspectiva, Kihm (1994) ressalta que, além dos modelos citados, existem estruturas que se realizam com o preenchimento da coda e com o ataque ramificado. Os mesmos são apresentados no estudo de Costa (2014),

[...] O crioulo da Guiné-Bissau apresenta os seguintes tipos silábicos fonéticos: [V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, VV, CVV, VVC, CVVC, CCCV, N]. Os tipos [VV], [VVC] e [CVVC] não foram confirmados fonologicamente, sendo assim, a língua apresenta, em sua fonologia, os padrões silábicos que seguem: /V, VC, CV, CVC, CCV, CCVC, CVV, CCCV, N/, e possui como molde silábico a estrutura (C)(C)(C) V/N(V)(C). (Costa, 2014, p. 157).

Para Chapouto (2014), os segmentos fricativos fonéticos ela [f,v,s,z,ʃ,ʒ] podem ocorrer em posição de onset de uma sílaba em princípio de palavra e pode ser preenchido por qualquer segmento consonântico, à exceção de [ʎ], e também pelos glides [j] e [w]. Para Costa (2014), os segmentos [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ] ocorrem em posição de onset simples e coda medial e coda final. Porém, essa estrutura analisada pelas autoras não é considerada fixa, tendo em vista a língua como um organismo vivo e que está em constante mudança.

Quanto à consoante oclusiva oral bilabial sonoro [b] contemplado na análise por Costa (2014) e Chapouto (2014) apresenta sua ocorrência em posição de onset inicial, coda medial de sílaba e de palavra e ocorre em resultado do segmento fricativo labiodental sonoro [v] em posição de onset inicial, coda medial sílaba e de palavra. No que toca às consoantes africadas apresentadas pelas autoras [tʃ e dʒ], essas apresentam suas ocorrências em posição inicial, medial. Estes segmentos não apresentam uma discussão consensual entre autores, conforme citado por Costa (2014), mostrando que podem

acorrer em resultados das consoantes [ʃ] e [ʒ], que são consideradas apenas em consoantes que entraram recentemente no guineense.

Conforme Chapouto (2014), que observou realizações fonéticas dos segmentos consonânticos fricativos em posição inicial, posição medial ou posição final, os mesmos podem ocorrer em posição medial e final com exceção da consoante [f]. Por exemplo, [fi'lâtɐ] (concordar), [si'bi] (saber), [[su'gũdɐ]] (segunda), ['si.bi] (saber) [ze'ru] (zero), [ʃo'fɛr] (chofero/cobrador), [ʒuʎu] (julho), ['vĩ. ti] (vinte), [ʃ]okolati (chocolate).

Para Costa (2014), são considerados exemplos dos segmentos fricativos em posição de início de sílaba e da palavra os exemplos: ['fikɐ] (ficar), ['frutɐ] (fruta), ['firmɐ] (“estar, ficar de pé”), ['vivi] (viver), ['vɛw] (véu), [vi'zitɐ] (visitar, visita), ['sutɐ] (bater), (viagem), ['za ŋɐ] (zangar-se, zanga) [zaŋ'gadɔ] (zangado, chateado) ['zɛrɔ] (zero), [ʃati'a] (chatear-se), [ʃa'tjadɔ] [ʃati'adɔ] (chateado), ['ʃkɔɭɐ] ~ ['skɔɭɐ] (escola), [ʒɔvejɲ] (jovem).

Esses autores trazem uma importante discussão sobre o inventário das consoantes no guineense, todavia não abordam como essas consoantes se apresentam no guineense falado por balantas e fulas, foco deste trabalho a ser descrito na seção “Análises e Resultados” mais adiante.

2.2.2 Variação linguística no guineense

A variação é um aspecto inerente ao funcionamento de qualquer língua, e não um defeito ou desvio (Labov (1972 [2008]); Beline, 2010; Mollica, 2025). A variação linguística não ocorre de maneira limitável ou controlada, mas de forma espontânea no cotidiano dos falantes (Mollica, 2025). A língua, afinal, não é uma entidade estática: ela se transforma ao longo do tempo, moldada pela comunidade de fala, pelas interações sociais e pelas relações de poder que as sustentam.

Na perspectiva de Labov (1972 [2008]), considerado por muitos, o pai da sociolinguística, a variação linguística não é um fenômeno aleatório, mas um processo regular e sistematicamente correlacionado a fatores sociais, como classe, idade, etnia e atitudes dos falantes. Para o autor as variantes tidas como “não padrão” não são meros erros ou negligências, mas formas linguísticas que se distribuem de modo esperável em diferentes contextos sociais e estilos de fala. Mesmo entre falantes conscientes da norma padrão, essas variantes persistem em comunidades específicas, funcionando como

marcadores de identidade grupal, estilos de fala e pertencimento. Nesse quadro, o falante não oscila de forma caótica entre alternativas, mas escolhe variantes de acordo com fatores sociais, contextuais e estilísticos, como situação de comunicação, interlocutor, nível de formalidade e intenção comunicativa.

Beline (2010) define a variação linguística a partir da noção de variável, compreendida como conjunto de duas ou mais variantes alternantes que veiculam o mesmo sentido e são intercambiáveis em contextos equivalentes, ressaltando que a língua é, por natureza, heterogênea e dinâmica.

O estudo do fenômeno da variação linguística compreende, entre outros aspectos, observar como diferentes variantes se distribuem de forma sistemática em função de fatores linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo) e fatores extralinguísticos (local, faixa etária, gênero, contextos de interação e condições de escolarização) (cf. Mollica, 2025; Silva, 2025).

Para Labov (1972 [2008]), o fenômeno da variação é, antes de tudo, um recurso de identidade, resistência e pertencimento, que deve ser reconhecido como um direito linguístico dos falantes.

Assume-se aqui que a variação linguística é um fenômeno estruturado e socialmente marcado, que evidencia a pluralidade que orienta a prática linguística concreta nas comunidades de fala. Isso demonstra como uma comunidade de fala se forma a partir de um ambiente comunicativo compartilhado, influenciado não apenas pelo código linguístico, mas também por fatores socioculturais, históricos e políticos.

Vale lembrar que a variação linguística não é aleatória: ela acompanha o modo de falar característico de uma comunidade, estendendo-se inclusive ao modo de vestir, aos gestos, ao humor, aos rituais sociais e às formas de mediá-los. Aspectos desse repertório são descritos Labov (1972 [2008]), como parte do “repertório verbal” de grupos sociais, isto é, do conjunto de recursos linguísticos e não linguísticos que os falantes mobilizam para expressar suas identidades e relações de poder.

O estudo sobre a variação linguística no guineense, como já apontado por Chapouto (2014) e Costa (2014), traz conhecimento importante sobre a língua, pois contribui para a compreensão da língua. Conforme Chapouto (2014), a variação linguística no guineense é resultado do contato com múltiplas línguas étnicas, da ausência de normatização e da coexistência de duas variantes principais, que se misturam no uso cotidiano. Para Costa (2014), o guineense não é apenas uma “variação mal falada do português”, como foi visto

no período colonial, mas sim uma língua autônoma, com gramática própria e processos fonológicos e específicos.

Outro aspecto importante a ser considerado é a situação de contato linguístico vivenciada nesse contexto. Sabe-se que o contato entre as línguas é considerado uma norma sociolinguística, em situações nas quais diversas línguas coabitam e são empregadas simultaneamente em diferentes contextos sociocomunicativos (cf. Bandeira; Balduino; 2024). Nessa perspectiva, o guineense, enquanto língua veicular, resulta de contato entre o português e línguas autóctones (étnicas), o que contribui para a emergência de padrões variáveis que refletem a própria dinâmica multilíngue do país. Outrossim, o guineense não aparece apenas como objeto de descrição, mas também como evidência empírica da relação entre contato linguístico, plurilinguismo e variação interna e externa da língua.

No que se refere à aquisição das línguas, é necessário distinguir a maneira como elas estão veiculadas ao sistema sociocomunicativo do falante. Em razão disso, língua materna, língua nacional, língua segunda, língua adicional, línguas autóctones, e língua estrangeira às vezes são usadas de maneiras parecidas e até confundidas por pessoas e por certa razão política de discriminação e preconceito linguístico a inferiorização da própria língua que o falante tem em seu primeiro contato. Língua materna é a primeira língua que o falante adquire contato após a sua nascença, ou seja, ocorre naturalmente no seio da família e da comunidade, marcada por contato intensivo e uso cotidiano. Porém, existem discussões que apresentam que o falante pode adquirir duas línguas maternas ao mesmo tempo, mostrando acomodações entre duas. A língua nacional, seja ela oficial ou não oficial, está em livre circulação que abrange comunidade de fala ou uma comunidade política (povo). A língua adicional ou segunda língua é qualquer língua adquirida pelo falante depois da primeira. Línguas autóctones são as línguas locais dos falantes de um determinado território e língua estrangeira é aquela que não faz parte da comunicação do dia a dia do falante, ou seja, não faz parte do uso comum da comunidade e pode ser apreendida no contexto escolar.

Este trabalho assume, então, o pressuposto elementar de que o guineense, como qualquer língua natural, apresenta variação em diferentes níveis de análise e varia no tempo e no espaço.

3 METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa descritiva com vistas a realizar uma análise qualitativa dos dados. Como procedimento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com levantamento e estudo de textos relevantes para a temática do trabalho Labov (1972 [2008]), Mollica (2025), Costa (2014), Chapouto (2014), Benzinho (2018), Beline (2010); entre outros autores). A partir de um conjunto de oito entrevistas abertas coletadas por Alfa Dos Santos Silom (Silom, 2022) nas regiões de Quinara e Bafatá, Guiné Bissau, no ano de 2021, e cedidas pelo autor, foi realizado um levantamento de dados e constituição do *corpus* que compõe este trabalho. São entrevistas representativas de faixas etárias distintas: quatro entrevistas com homens camada mais jovem do fula (23 anos), e mais idosa (65 anos); camada mais jovem do balanta (27 anos) e mais idosa (65 anos) e quatro com mulheres; camada mais jovem do fula (26 anos) e mais idosa (65 anos); camada mais jovem do balanta (29 anos) e mais idosa (61 anos) .

O primeiro momento deste estudo concentrou-se na descrição dos dados dos homens. Em seguida, foi feita descrição e análise dos dados de mulheres; por fim, foi feita uma comparação mais abrangente entre os grupos de faixas etárias diferentes e etnias diferentes.⁶

A partir da descrição e da análise realizadas, foi possível compreender que há ocorrências de trocas consonantais, observadas nos dados de homens e mulheres, e que há diferenças para os falantes das duas etnias: para os balantas, a troca de consoantes é mais frequente na faixa etária idosa e menos frequente entre os jovens; para os fula, não há variação entre faixas etárias nos homens; para as mulheres, as trocas consonantais ocorrem com menor frequência.

Como instrumentos as transcrições das entrevistas foram realizadas com o auxílio do software ELAN (versão 6.1), amplamente utilizado no processo de transcrição fonética. Foi utilizada a tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) para notação fonética. A partir dessas transcrições, foi constituído um *corpus* composto por dados relativos às consoantes fricativas [f, v, s, z, ʃ, ʒ]. Com base no *corpus*, todos os dados foram organizados em planilhas de Excel. Na organização dos dados no Excel, estruturaram-se as

⁶ Este trabalho abrange a descrição iniciada durante a Iniciação Científica (realizada entre 2024/2025), que tratou da descrição dos dados dos homens, ampliando-se o foco com a inclusão do estudo dos dados das mulheres entrevistadas, além de apresentar uma abordagem comparativa entre os dados.

características sociolinguísticas de cada entrevistado, a saber: sexo, idade, profissão, línguas faladas e etnia, região e nível de escolaridade.

Quadro 1 – Características dos entrevistados

	E1 ⁷	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8
Sexo ⁸	Masc.	Masc.	Fem.	Fem.	Masc.	Masc.	Fem.	Fem.
Idade	23	27	26	29	61	65	61	65
Profissão ⁹	Est.	Est.	Bid.	Agr.	Agr.	Com.	Agr.	Agr.
Línguas faladas ¹⁰	F/G	B/G	F/G	F/G	B/G	F/G	B/G	F/G
Etnia	F	B	F	B	B	F	B	F
Região ¹¹	Baf.	Quin.	Baf.	Quin.	Quin.	Baf.	Quin.	Baf.
Nível de escolaridade ¹²	EMI	EMI	EFI	EMI	NE	EMI	NE	NE

Fonte: Elaborado pelo autor (2026), com dados de Silom (2022).

A partir da construção do Quadro 1, foram realizadas análises comparativas entre os dados, observando as ocorrências das consoantes a partir dos perfis de cada informante. O objetivo era identificar como fatores extralinguísticos (sexo, idade, profissão e línguas faladas, etnia, região e nível de escolaridade) se relacionam com as variantes consonantais observadas no *corpus*. Em seguida, as consoantes foram analisadas em diferentes contextos sociocomunicativos com o objetivo verificar padrões de realização das consoantes analisadas.

⁷ E – Entrevistado/a.

⁸ Sexo: Masc. – Masculino; Fem. – Feminino.

⁹ Profissão: Est. – Estudante. Bid. – Bidera (mulher vendedora no mercado popular). Agr. - Agricultor/a. Com. – Comerciante.

¹⁰ F – Fula; B – Balanta; G – Guineense.

¹¹ Região: Baf. – Bafatá; Quin. – Quinara.

¹² Nível de escolaridade: EMI - Ensino médio incompleto. EFI - Fundamental incompleto. NE - Não escolarizado.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Nesta seção, é apresentada uma descrição e uma análise dos dados coletados à luz do referencial teórico indicado anteriormente.

Em descrição preliminar proposta por Freitas e Nanque (2025), foi iniciado um estudo com os dados referentes ao grupo dos homens, balantas e fulas, distribuídos na faixa etária mais jovem, entre 23 e 27 anos, e na faixa etária mais idosa, entre 61 e 65 anos. Os dados revelaram ocorrências das consoantes [f, v, s, z, ʃ, ʒ] em todas as faixas etárias.

Na faixa etária mais jovem dos homens balantas, observam-se as consoantes [f], [v], [s], [z], [ʃ] e [ʒ], e suas realizações em posição de onset inicial, com ocorrência em posição medial e final de sílaba e de palavra, com pouca variação. Exemplos incluem para [f]: em posição de onset inicial, ['feʃ.tɐ] ('festa'), [fu'lanu] ('fulano'); para o [v] sua realização acontece em posição de onset inicial, com variação para [b], exemplos, ['vɛɾ.di] ('verde'), ['vi.vi] ('viver'), ['biʃti] ('vestir'); para [s] a realização ocorre em posição de onset inicial, coda medial e final de sílaba e de palavra variando para [ʃ], exemplos ['sĩ.tɐ] ('sentar'), [ʃati'ã] ('chatear') e ['feʃ.tɐ] ('festa'); para [ʒ] sua realização acontece em posição de onset inicial, coda medial de sílaba e de palavra com variação para [dʒ], exemplo, [fi'ʒon] ('feijão'), [fi'dʒi] ('findji'). O segmento [z] não foi constatado com frequência na análise do *corpus*. Isso pode ser devido à limitação nos dados. Nessa faixa etária.

Na faixa etária mais idosa, foram constatadas as realizações das consoantes [f], [v], [s], [ʃ] e [ʒ]. Nessa faixa etária, algumas consoantes são consideradas estáveis, enquanto outras exibem variações em suas ocorrências. Exemplo, [f] ocorre em posição de onset inicial: ['fur.tɐ] ('furto/roubo'), ['faʃi] ('fazer'), [f] é considerado fixo, sem variação. O segmento [v] não foi observado variação com o [b], com pouca variação para [v], exemplo, [baɾ'dadi] ('verdade'), ['biɲu] ('vinho'). Para [s] sua ocorrência ocorre em posição de onset inicial, coda medial e final de sílaba e de palavra variando com [ʃ], como resultados: [ʃi'bi] ('saber'), [faʃi] ('fazer').

As duas faixas etárias analisadas dos entrevistados da etnia fula mostram poucas ocorrências de variações consonantais em posição de onset inicial, coda medial e final de sílaba e de palavra. Na faixa etária mais jovem, são observadas as realizações das consoantes [f], [v], [s], [z] e [ʃ] e [ʒ], como exemplos: O [f] ocorre em posição de onset inicial, ['fasi] ('fazer'), ['feʃ.ta] ('festa'); para [v] acontece em posição inicial com variação para [b], [buɾ'gupu] ('vergonha'), ['vida] ('vida') e [valo'riʒa] ('valorizar'); no que tange a

consoante [s] a sua ocorrência acontece em posição de onset inicial, coda medial e final de sílaba em variação com [ʃ], como resultados: [su'mia] ('semear'); [si'ʃtema] ('sistema'); [feʃ.ta] (festa); O [z] acontece em posição inicial e medial de sílaba e de palavra, [valo'riza] ('valorizar') e [so'ziɲu] ('sozinho'); Para [ʒ] ocorre em posição onset inicial, coda medial de sílaba e de palavra, variando com [dʒ] em posição de onset inicial e coda medial como exemplo: [fi'ʒon] ('feijão') e [bur'medʒu], respectivamente.

Na camada mais idosa, são observadas poucas ocorrências das consoantes [f], [v] e [s]. Isso pode ter ocorrido em razão da limitação do próprio *corpus*. Como resultados: [fal'sidu] ('falecido'), [fu'lanu] ('fulano'); Para [v] ocorre em posição inicial com variação para [b], [vã'taʒẽ] ('vantagem') e ['bakas] (vacas). Já o segmento [s] aparece em posição inicial, medial e final de sílaba e de palavra, como [su'briɲu] (sobrinho), [fal'sidu] (falecido) e ['bakas] (vacas).

Em suma, conforme exemplos ilustrados em cima, na camada mais jovem, as consoantes mantêm as suas realizações e ocorrem poucas variações em posições de onset inicial de sílaba e de palavra. Foi observada a variação a partir das consoantes em posição de coda medial e de coda final de sílaba e da palavra; o mesmo acontece na camada mais idosa da etnia fula. Nesta faixa etária, o segmento [v] é pronunciado ora como [b], ora como [v], e essas realizações ocorrem em posição de onset inicial da sílaba e de palavra. Enquanto na camada mais idosa dos balantas, observou-se que as ocorrências de segmentos consonantais fricativos [v], [s], [ʃ], [ʒ] se variam em posição inicial e medial de onset e coda medial e final de sílaba com a exceção de algumas consoantes que ocorrem em todas as faixas etárias analisadas.

Quadro 2 – Comparação entre homens balanta e fula nas duas faixas etárias¹³

Segmentos fonéticos fricativos	Falante Balanta (jovem)	Falante Balanta (idoso)	Falante Fula (jovem)	Falante Fula (idoso)
	Onset simples	Onset simples	Onset Simples	Onset simples
[f]	[ˈfes.tɛ]; ‘festa’; ‘festa’ ¹⁴ [fuˈlanu]; ‘fulanu’; ‘fulano’	[ˈfaʃi]; ‘fasi’; ‘fazer’ [ˈfurte]; ‘furta’; ‘furto’;	[ˈfasi]; ‘fasi’; ‘fazer’ [ˈfeʃta]; ‘festa’; ‘festa’	[falˈsidu]; ‘falsidu’; ‘falecido’ [fuˈlanu]; ‘fulanu’; ‘fulano’
	Onset simples	Onset simples	Onset simples	Onset Simples
[v] vs [b]	[ˈbiʃti]; ‘bisti’; ‘vestir’ [ˈvi.vi]; ‘vivi’; ‘viver’ [ˈver.di]; ‘verdi’; ‘verde’	[barˈdadi]; ‘bardadi’; ‘verdade’ [ˈbiɲu]; ‘binhu’; ‘vinho’	[burˈɡuɲu]; ‘burgunhu’; ‘vergonha’ [ˈvida]; ‘vida’; ‘vida’ [valoˈriza]; ‘valoriza’; ‘valorizar’	[ˈbakas]; ‘bakas’; ‘vacas’ [vãˈtaʒẽ]; ‘vantage’; ‘vantagem’
	Onset Simples e Coda medial	Onset Simples e Coda medial	Onset simples e Coda medial	Onset Simples, Coda medial e final
	Onset Simples e Coda medial	Onset Simples e Coda medial	Coda medial	Onset Simples, Coda medial e final
[z]	não ocorre	não ocorre s	[valoˈriza]; [soˈziɲu];	não ocorre
	Coda medial	Coda medial	Coda medial	Coda medial
[ʒ] vs [dʒ]	[fiˈʒon]; ‘fichon’; feijão [ˈfiɖʒi]; ‘findji’; ‘fingir’	[ˈfiɖʒi];	[burˈmedʒu]; [fiˈʒon];	[fiˈʒon];

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

¹³ O Quadros 2 apresenta uma amostra dos dados coletados.

¹⁴ No quadro, a notação das palavras segue a ordem: transcrição fonética; guineense; glosa em português: [ˈfes.tɛ]; ‘festa’; ‘festa’.

Na fala dos mais velhos, é percebida, com maior frequência, as trocas consonantais; em termos de fatores linguísticos e extralinguísticos, uma hipótese explicativa para essas trocas seria devido à predominância da língua materna (balanta) e menor grau de influência do guineense e do português, o que favoreceria o processo de assimilação articulatória. Ao passo que, na fala dos mais jovens, é notável a maior imposição do guineense e português o que resulta a redução das variações. Ainda em relação a fatores extralinguísticos, as trocas acontecem porque a faixa etária mais idosa mantém maior o uso e preservação da língua materna em contextos cotidianos e comunitários, enquanto a faixa etária mais jovem está mais exposta a escolarização, ao contato com o português e a práticas sociais que favorecem padronização fonética.

No que se refere às mulheres da etnia balanta da camada mais jovem (29 anos), pela análise realizada, constatou-se a presença de realizações das consoantes [f], [s] e [ʃ] em posição de onset inicial, coda medial e final de sílaba. Nessa faixa etária, a consoante [f] é realizada como [f], em posição de onset inicial, exemplo: ['fa.si] (fazer), ['feʃta] (festa); em posição de onset inicial e coda medial de sílaba e de palavra, ocorre consoante [s], exemplos: [sen'pri] (sempre), ['fal.si] (faleceu); em posição medial e final ocorre variação da consoante [s] para [ʃ], mais em posição medial e final com muita limitação dos dados.

No que diz respeito às mulheres da etnia balanta da camada mais idosa (61 anos), na análise dos dados, foram observados casos de ocorrências das consoantes [f] e [s], em posição de sílaba e de palavra. A consoante [f] é realizada como [f], não muda e é considerada fixa; sua ocorrência acontece em posição de onset início de sílaba e de palavra. Exemplo: [fuga'deru] (fogareiro). Nessa faixa etária, o [s] é realizado como [s], não ocorre troca consonantal, e sua realização se mantém em posição de inicial e medial de sílaba e de palavra. Conforme ilustram os exemplos: ['sĩ. tɛ] (sentar) e [fi'sɔn] (feijão).

No que se refere aos dados das mulheres da etnia fula, da camada mais jovem (26 anos) foram observadas ocorrências das consoantes fricativas [f], [v] e [s] em posição de sílaba e de palavra.

A consoante [f] nesta faixa etária é pronunciada como [f] e não muda, sendo sempre fixa. Sua realização ocorre no início de sílaba e de palavra, como resultados: ['fa.ke] (faca); o [v] nessa faixa etária é pronunciado como [b] e como [v]. Suas realizações acontecem no início de sílaba e de palavra. Exemplos são: [bĩ'di] (vender), ['baka] (baka). De acordo com os exemplos ilustrados anteriormente, foi observada pouca realização no

corpus, tendo em conta a própria limitação nos dados; entretanto, nessa faixa etária, o segmento consonântico [b] é considerado com mais tempo no guineense, e o [v] é considerado o segmento consonântico que entrou recentemente na língua, conforme Kihm (1994), Scantamburlo (1999), Costa (2014).¹⁵ Para segmento [s] sua realização acontece no início, no meio e final de sílaba e de palavra, como exemplos: [su'mana] (semana), [ˈfɛs.tɐ] (festa) e [ˈfi.sɔn] (feijão). Nessa faixa etária, acontece pouca variação em posição inicial, pois o segmento consonântico [s] pode alterar com [ʃ] em posição, medial ou final de sílaba e de palavra, independentemente, de faixa etária.

Sobre as mulheres da etnia fula, camada mais idosa (65 anos), foram constatadas ocorrências das consoantes fricativas [f] e [s] em posição de sílaba e de palavra. A realização da consoante [f] é pronunciada como [f], e ela é considerada fixa em todas as ocorrências, não possuindo variação consonantais e sua ocorrência acontece em posição inicial. Exemplo: [ˈfikɐ] (ficar); para [s] é pronunciada como [s], e não ocorre comutação em sua realização, como exemplos: [ˈseku] (seco) e [ˈsĩtɐ] (sentar). Portanto, nessa faixa etária, foram observadas poucas realizações da consoante [s] no corpus analisado.

¹⁵ A ocorrência da consoante [v] é observada mais em situações de comunicação das pessoas com níveis de escolaridade ou em fala corrida e com menor frequência do uso. O [b] nesse caso é mais usado na comunicação do dia a dia do falante.

Quadro 3 – Comparação entre mulheres balanta e fula nas duas faixas etárias¹⁶

Segmentos fonéticos fricativos	Falante Balanta (jovem)	Falante Balanta (idosa)	Falante Fula (jovem)	Falante Fula (idosa)
	Onset simples	Onset simples	Onset simples	Onset simples
[f]	['fa.si]; 'fasi'; 'fazer' ['feʃta]; 'festa'; 'festa'	[fuga'deru]; 'fugaderu'; 'fogareiro'	['fa.kɐ]; 'faka'; 'faca'	['fike]; 'fika'; 'ficar'
	Onset simples	Onset simples	Onset simples	Onset simples
[v] vs [b]	não ocorre	não ocorre	[bĩ'di]; 'bindi'; 'vender' ['baka]; 'baka'; 'vaca'	não ocorre
	Onset simples, coda medial e final	Onset simples e coda medial	Onset simples e coda medial	Onset simples
[s] vs [ʃ]	[sen'pri]; 'sempri'; 'sempre'; ['fal.si]; 'falsi'; 'faleceu' ['feʃta]; 'festa'; 'festa'	['sĩ.tɐ]; 'sinta'; 'sentar' [fi'sɔn]; 'fichon'; 'feijão'	[su'mana]; 'sumana'; 'semana' ['fɛs.tɐ]; 'festa'; 'festa' [fi.sɔn]; 'fichon'; 'feijão'	['seku]; 'seku'; 'seco' [sĩtɐ]; 'sinta'; 'sentar'

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

¹⁶ O Quadros 3 apresenta uma amostra dos dados coletados.

Considerando os dados analisados, todas as faixas etárias analisadas apresentam quase as mesmas realizações das consoantes, muito embora tenham sido constatadas pouquíssimas ocorrências das consoantes, tendo em vista a limitação do próprio *corpus*, mostrando que, mesmo sendo fluentes em suas línguas maternas, o guineense predomina com uma certa influência, o que resulta uma redução de variação. Já em termos de fatores extralinguísticos, as duas faixas etárias analisadas são de pessoas menos escolarizadas o que demanda uma certa limitação sobre a redução de variações observadas no *corpus*. Não foram constatadas com muita frequência realizações consonantais entre duas etnias e faixas etárias diferentes de mulheres, o que exige mais estudos adicionais para suas procedências.

Como observado através da descrição e comparação de dados, é possível notar a ocorrência de variação consonantal. Em síntese, foram identificadas ocorrências de consoantes no *corpus* analisado, sendo às fricativas [f, v, s, z, ʃ, ʒ] e à consoante bilabial sonora [b], distribuídas em diferentes posições de sílaba e palavra. A consoante bilabial sonora [b] é, portanto, incluída na análise dos dados, especialmente, em relação a sua variação com consoante fricativa labiodental sonora [v], que apresenta variações: às vezes realizada como [v], outras como [b].

Observa-se que [b] é a variante mais recorrente e consolidada no guineense, enquanto [v], ocorrência menos frequente, é considerada consoante que entrou recente na língua. Essa distribuição sugere um processo de flutuação de formas mais antigas (como [b]) e de incorporação progressiva de traços fonéticos do português, o que revela aspectos relevantes do contato linguístico e da variação fonética no crioulo guineense. Além disso, é necessário considerar o nível de escolarização das pessoas e o respectivo contato com a língua portuguesa.

Em comparação com os dados de Chapouto (2014) e de Costa (2014), as trocas de consoantes fricativas observadas no presente estudo exibem padrões convergentes quanto divergentes. Ambas as autoras concordam que /f/ e /s/ são fonemas estabelecidos no guineense. Os mesmos argumentos foram apontados por Kihm (1994), Scantamburlo (1999) e Couto (1994).

Além disso, Chapouto (2014) e Costa (2014) argumentam que /v/ e /z/ são novas que entraram recentemente na língua. As autoras também mostram que o segmento /v/ pode variar com consoante oclusiva bilabial sonora [b], considerada mais

antiga na língua; por outro lado, /z/, para as autoras, não é tratado como fonológico, devido à sua alternância com [ʒ].

Em nossa análise corrobora, parcialmente a essas posições: foi observada variação entre [v] e [b] em todas as faixas etárias, tanto entre os mais novos, quanto entre os mais velhos. Porém, a presença do [v] ocorre nas falas dos mais jovens e das pessoas escolarizadas. Exemplos observados: ['baka] (vaca), [ba'sɔrɐ] (vassoura); na fala dos mais novos observou-se a presença de [v] nas palavras como: ['vida] (vida), ['vi.vi] (viver). Esses dados alinham-se com os exemplos citados pela Chapouto (2014) e Costa (2014), como ['baka] (vaca), ['bi.as] (viagem), ['vi.vi] (viver), [vi'zi.tɐ] (visitar, visita). A comparação indica que [b] ocorre com mais frequência nas falas dos mais novos e dos mais idosos, enquanto [v] aparece como fenômeno mais moderno com menos frequência do uso e é mais presente entre os jovens.

Quanto a /f/, Chapouto (2014) e Costa (2014), consideram fixa e não varia, ocorrendo em posição de início de sílaba e de palavra. Os dados deste trabalho corroboram essa análise, pois, na amostra aqui estudada, o [f] mostrou-se estável em todas as faixas etárias analisadas, sem variações significativas.

Sobre /s/, Chapouto (2014) e Costa (2014) consideram como fonema no guineense e sua ocorrência pode acontecer em posições onset inicial, coda medial ou final de sílaba e de palavra. Chapouto (2014) observa que em posição de onset inicial /s/ realiza-se como [s], e em posição coda medial e final há alternância livre entre [s] e [ʃ]. Os dados deste trabalho confirmam, em grande medida, esse padrão: em posição inicial o segmento [s] se realiza como [s] e ocorre com mais frequência entre os jovens do grupo balanta e entre os falantes mais velhos do grupo fula; nas mulheres aparece em ambas as faixas etárias analisadas. Em posição coda medial e final foi observada variação entre [s] e [ʃ]. Por exemplos, ['feʃta] (festa), em faixa etária mais idosa do balanta, notaram-se variações específicas: em posição inicial de sílaba [s] pode realizar-se como [ʃ]; em posição medial também aparece [ʃ]; em posição final alterna entre [s] e [ʃ]. Esses resultados estão exemplificados nos quadros anteriores.

Em uma perspectiva comparativa entre dados dos homens e mulheres, não foram constatadas com muita frequência ocorrências de trocas consonantais entre duas etnias de faixas etárias diferentes de mulheres, tendo em vista a limitação dos próprios dados. Ao passo que, na análise anterior dos homens, foram observadas trocas consonantais nas

duas faixas etárias analisadas do balanta (camada mais jovem e camada mais idosa), enquanto na etnia fula não ocorre tal variação entre as faixas etárias.

Nos dados das mulheres, observou-se pouca variação na realização dos segmentos consonantais [f] e [s] em posições inicial, medial e final de sílaba, tanto na etnia balanta quanto na fula; ademais, constatou-se a ocorrência do segmento [ʃ] na faixa etária mais jovem do balanta, em posições de onset e coda medial, embora com baixa frequência.

É possível afirmar que as ocorrências de trocas consonantais analisadas no *corpus*, com os dados de homens e mulheres, revelam diferenças interessantes. Os resultados levam à reflexão sobre como a realização das consoantes fricativas pode estar relacionada às características sociolinguísticas dos falantes e à situação de contato linguístico.

Entre os balantas, a troca de consoantes é mais frequente na faixa etária idosa e menos na jovem; entre os fulas, não há variação significativas entre faixas etárias nos homens. Para as mulheres, as trocas consonantais ocorrem com menor frequência, considerando as limitações do próprio *corpus* analisado. No entanto, é importante destacar que a análise realizada, dada a limitações do *corpus*, não permite traçar conclusões definitivas sobre o comportamento das fricativas no balanta e no fula. A amostra limitada de participantes (especialmente no grupo feminino) e a escassez de ocorrências em algumas posições fonéticas impedem generalizações mais amplas. Portanto, esses achados indicam tendências iniciais que demandam estudos de caso adicionais e ampliar do *corpus* para maior evidência empírica, permitindo análises mais robustas sobre a variação fonética das fricativas nessas duas etnias.

Outrossim, o contato linguístico ajuda compreender esses dados, uma vez que indica que as trocas consonantais não são aleatórias, porém processos sistemáticos do bilinguismo entre balanta e fula e guineense e português. A faixa etária mais idosa apresenta maior preservação da língua materna e menor contato com o português o que favorece fatores extralinguísticos como assimilação articulatória, resultando em maior frequência de trocas entre consoantes [s] e [ʃ], [b] e [v]. Na faixa etária mais jovem do balanta, a maior tendência é menor propagação de trocas consonantais o que resulta o nível de escolaridade e contato ao português levam à convergência fonética e estabilização das consoantes. Na etnia fula, entre a camada mais jovem e a camada mais idosa, não há trocas consonantais significativas. Entre as mulheres, as trocas ocorrem com menor frequência, tendo em conta a limitação do próprio *corpus* e isso impedem uma

afirmação mais precisa o que demanda estudos de casos adicionais, incluindo maior descrição das consoantes das línguas balanta e fula para efetiva comparação e comparação do resultado do contato linguístico entre essas línguas e o guineense.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a variação linguística no guineense, tendo como foco as consoantes fricativas na variedade do guineense falado por balantas e fulas. O objetivo do trabalho era descrever os aspectos linguísticos das consoantes fricativas do guineense falado pelos balanta e fula, além de considerar os aspectos extralinguísticos relacionados aos dados em análise.

Partindo de um *corpus* constituído com dados retirados de oito entrevistas realizadas por Silom em Guiné-Bissau em 2021 e cedidas pelo autor, este trabalho considerou dados de homens e de mulheres (grupo historicamente menos contemplado em *corpora* dessa natureza), de duas faixas etárias (camada mais jovem de 23 -29 anos; e camada mais idosa de 61-65 anos), e realizou uma comparação de forma mais abrangente entre os grupos.

Em termos gerais, observou-se que, na camada mais jovem, as consoantes mantêm as suas realizações e ocorrem poucas variações em posição inicial de sílaba e de palavra. Observou-se que há variações das consoantes em posição de onset medial e coda final de sílaba na camada mais idosa da etnia fula, enquanto na camada mais idosa da etnia balanta, as ocorrências de segmentos consonantais fricativos [v], [s], [ʃ], [ʒ] se comutam em posição de onset inicial, medial e coda medial de sílabas.

Buscou-se observar o comportamento das consoantes fricativas a fatores linguísticos e extralinguísticos, como a distribuição distinta entre a faixa etária mais jovem e a mais idosa, tanto entre homens quanto entre mulheres. Desse modo, buscou-se compreender, a partir de evidências empíricas, os padrões para a variação consonantal.

A variação linguística fonético-fonológica observada no guineense falado por balantas e fulas, como proposto por este trabalho, reflete a rica diversidade cultural de duas comunidades estudadas, com especial atenção ao contato entre as línguas e os espaços geográficos e sociais que essas línguas ocupam.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gabriel Antunes de. O que é a linguística de línguas crioulas? *In*: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento (org.). **A Linguística hoje**. São Paulo: Contexto, 2026.

BANCO MUNDIAL. Guinea-Bissau. **World Bank Open Data**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/guinea-bissau?view=chart>. Acesso em: 6 abr. 2025.

BANDEIRA, Manuele; BALDUINO, Amanda. Fonologia, línguas em contato e ensino. *In*: ALVES, Ubiratã Kickhöfel; MASSINI-CAGLIARI, Gladis (org.). **Fonologia e ensino: descobertas e interfaces**. Campinas, SP: Editora da Abralín, 2024. p. 334 -361.

BELINE, R. **As línguas variam**. *In*: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 6ª ed., p. 121-140.

BENZINHO, Joana; Rosa, Marta. **Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau**. 2. ed. rev. e atual. Coimbra: Gráfica Ediliber; Afectos com Letras, 2018. (Ficha técnica extraída da edição).

CHAPOUTO, Sandra Marisa da Costa. **Contributo para a descrição de aspectos fonológicos e prosódicos do crioulo guineense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

COUTO, H. H. do.; EMBALÓ, F. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP**. PAPIA, Brasília, n. 20, Número especial. 2010.

COUTO, H. H. do. **O Crioulo Português da Guiné-Bissau**. Hamburg: Helmut Buske Verlag. 1994.

EMBALÓ, F. **O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional**. Papia, Brasília, v. 8, n., p. 101-107, 2010.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos I**. William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

KIHM, A. Kriyol Syntax: **The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1994.

WORLDOMETERS. **Guinea-Bissau maps & facts**. [*S. l.*]: Worldometer, [2026?]. Disponível em: <https://www.worldometers.info/maps/guinea-bissau-map/>. Acesso em: 28 mar. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). **Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH)**. Bissau. 6. 2009.

MOLLICA, Maria Cicília. Relevâncias das Variáveis não Linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2025. P.27-31.

NANQUE, Lima Honório. Comparação entre a cultura do grupo étnico papel e a cultura do grupo étnico Balanta na Guiné-Bissau. **Faz ciência**, Vol.24, N.39, Jan/Jun. De 2022- p. 134- 155.

PARKVALL, M. **Da África para o Atlântico**. Tradução de Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

SILOM, Alfa dos Santos. **A heterogeneidade da língua crioula guineense contemporânea: fonologia e variação num contexto de contato etnolinguístico**. f. 143 il. 2022. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das Variáveis linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2025. p. 67-71.

SCANTAMBURLO, L. **O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português: o Ensino Bilingue Português-Crioulo Guineense**. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2013. Disponível em: <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/2017/01/guine6174-p16949-memoria-> Acesso em: 5 abr. 2026.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, fonte inesgotável de força, sabedoria e esperança. Sem sua presença em minha vida, nada disso seria possível.

Agradeço com todo coração e carinho, à minha família.

Agradeço às minhas mães, Rosa Basai Queta Nanque, Saba Nanque e Francisca Mendes Viegas, minha eterna gratidão, vocês estão eternamente em minha vida.

Agradeço ao meu Pai, Paulino Nanque, que hoje não está mais na nossa convivência e tornou-se meu anjo da guarda, a quem eu devo muito este resultado. Aos meus padrinhos, Tania Regina, Núria, Evonilson.

Com todo amor, esforço e incontáveis renúncias, nunca mediram esforços para que eu pudesse chegar até aqui. Cada oração feita por vocês foi um abraço silencioso que me fortaleceu e me impulsionou a seguir em frente durante esses quatro anos do curso. Essa conquista também pertence a vocês.

Agradeço aos meus irmãos, Joaquim Nanque, Monica Nanque, Cadi, Dji, Iqui, Orlindo, Mirian e Aladje, pelo amor, companheirismo e pela união que sempre nos fortaleceu. Saber que tenho vocês ao meu lado torna qualquer carinho mais leve. Levarei essa conexão comigo por toda minha vida.

Aos meus amigos da vida, Edson, Tito, Aleofa, Herculano, Mateva, Mario, Serefim, Vinicius Mallick, Mariama, Fininha, Sandra, Adama, Andronica por serem porto seguro em todos os momentos. Aos meus veteranos da UNILAB, Lucas e Mamadu Baciro. Vocês foram minhas referências.

Aos meus grupos da UNILAB, “Amigos da Biblioteca do *Campus* dos Malês”, “Kabaz Garandi”, “Coral da Integração”, “Rede Malês” e “GELCLA”. Agradeço por cada momento compartilhado, pelas risadas, apoio de memórias construídas ao longo desses anos. Que privilégio foi viver essa trajetória ao lado das pessoas tão merecidas.

À minha primeira orientadora, Profa. Dra. Shirley Freitas Sousa, minha profunda gratidão e admiração. Grato pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos, pela paciência, pelas orientações e pela confiança depositada em mim durante a construção da primeira parte deste trabalho. A Senhora se tornou uma inspiração pela excelência profissional e pela pessoa admirável que é.

À minha atual orientadora, Profa. Dra. Lidia Lima da Silva, agradeço sua disponibilidade, apoio e amizade ao longo dessa caminhada. Sua contribuição foi essencial

para a finalização desse trabalho. Além de uma profissional admirável, é alguém por quem tenho grande respeito e carinho.

À minha querida Profa. Dra. Manuele Bandeira de Andrade Lima, pessoa por quem eu tenho muita admiração e respeito. Minha eterna gratidão por fazer parte dessa construção. Ao Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos, que contribuiu para a avaliação deste texto. Minha gratidão.

Do mesmo modo, agradeço à UNILAB pelo espaço cedido e pela oportunidade de construir minha história nesta casa. Cada aprendizado contribuiu de forma essencial para minha formação acadêmica e humana.